

Teatro-debate: Uma modalidade de teatro espontâneo

Debate-theater: A modality of spontaneous theater

Teatro-debate: Una modalidad de teatro espontáneo

Andreia da Silva Freitas*; **Maíra Lima de Medeiros****

Instituto Sedes Sapientiae – Departamento de Psicodrama

e-mails: *andrea_sfreytas@yahoo.com.br; **mlimam@gmail.com

Viviane Nunes Barreto

Sociedade de Psicodrama de São Paulo (SOPSP)

e-mail: viviane_nbarreto@hotmail.com

Resumo

Este texto visa apresentar o potencial da modalidade de Teatro Espontâneo, nomeada Teatro-Debate (T-D), desenvolvida pelo psicodramatista Moysés C. de Aguiar Netto e outros profissionais da época, aplicada e difundida pela Companhia do Teatro Espontâneo, também criada pelo próprio autor no Brasil. Assim, discorre-se aqui perspectivas acerca do Teatro Espontâneo, do Teatro-Debate e também é apresentado um breve relato da experiência de um Teatro-Debate realizado no espaço educacional com um público, em sua maioria, não psicodramatista.

Palavras-chave: teatro espontâneo, teatro-debate, educação, psicodrama

Abstract

This text aims to present the potential of the Spontaneous Theater modality, named Debate-Theatre (T-D), developed by the psychodramatist Moysés C. de Aguiar Netto and other professionals of the time, applied and diffused by the Companhia do Teatro Espontâneo, also created by the author in Brazil. Thus, perspectives on the Spontaneous Theater and the Debate-Theatre are discussed here and then a brief report of the experience of a Debate-Theatre carried out in the educational space is presented with a mostly non-psychodramatist audience.

Keywords: spontaneous theater, debate-theatre, education, psychodrama

Resumen

Este texto presentará el potencial de la modalidad de Teatro Espontáneo, llamada Teatro-Debate (T-D), desarrollada por el psicodramatista Moysés C. de Aguiar Netto y otros profesionales contemporáneos al mismo, aplicado y difundido por la Companhia do Teatro Espontâneo, también creada por el propio autor del T-D en Brasil. Así, se discuten aquí perspectivas acerca del Teatro Espontáneo, del Teatro-Debate y, luego, se presenta un breve relato de experiencia de un Teatro-Debate hecho en un espacio educativo con un público, en su mayoría, no psicodramatista.

Palabras clave: teatro espontáneo, teatro-debate, educación, psicodrama

INTRODUÇÃO

De acordo com a frase em latim dita aos antigos marinheiros *Navigare necesse; vivere non est necesse* e com a poesia de Fernando Pessoa, “*Navegar é preciso, viver não é preciso*”, a produção deste escrito inspira-se na ideia da imprecisão da vida: quando se sabe que não existe uma perfeita clareza ou certeza perante esta, nem mesmo depois de alguns segundos após ler essas frases, o leitor saberá com precisão o que está por vir. Diante de tal imprecisão, percebe-se a importância de viver em criação, como um ato de arriscar-se e estar disponível ao novo, ao inusitado, ao que ainda não é conhecido.

O Teatro Espontâneo chega como desconhecido e às vezes parece soar como um intruso no meio das demais teorias grupais. Este texto busca apresentar esse método e uma de suas modalidades, que é o Teatro-Debate, criado por Moysés Campos de Aguiar Netto.

Com essa inspiração, o convite é que o leitor possa conhecer e/ou aproximar-se do Teatro-Debate, com base nas apresentações teóricas e práticas, e na própria descrição de um “Teatro-Debate – Educação: Pra quê? Pra quem?” realizado pela Companhia do Teatro Espontâneo em uma escola municipal de referência em São Paulo, onde ocorreu o lançamento do livro *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Estudos em virtude dos 20 anos da Lei nº 9.394/1996* (Freitas, Jesus & Rodrigues, 2017).

TEATRO ESPONTÂNEO

“... quanto mais livre o fluxo de criação, mais mobiliza emoções, mais curto é o caminho para atingi-las, mais belo o espetáculo” (Aguiar, 1998, p. 20).

Jacob Levy Moreno desenvolvia há cerca de 100 anos a potencial ferramenta do teatro espontâneo para trabalhar relações sociais, despertando a espontaneidade e a criatividade que havia nos sujeitos, gerando a quebra de papéis conservados ao possibilitar que as pessoas pudessem experimentar um modo diferente de agir/ser no cotidiano.

Segundo Aguiar (1998, p. 14), “o teatro espontâneo sempre foi visto, dentro do campo psicodramático brasileiro, como um procedimento menor, paralelo ao psicodrama, este sim de nobre estirpe”. Em razão de seu caráter lúdico, havia um entendimento que o teatro espontâneo: “seria apropriado a situações de puro entretenimento ou, no máximo, para trabalhos públicos em que não se pretendesse levar os problemas tão a sério como no psicodrama público” (Aguiar, 1998, p. 14).

No entanto, tendo dedicado sua trajetória na pesquisa sobre teatro espontâneo e psicodrama, Aguiar (1998, p. 14) concluía que: “um não existe sem o outro; ambos se interpenetram o tempo todo. Distingui-los pode ser, em alguns momentos, condição de sobrevivência; dialeticamente, no momento seguinte, a sobrevivência se garante pela fusão, e não pela distinção” (p. 14).

Passados 14 anos da publicação do livro *Teatro espontâneo e psicodrama* (Aguiar, 1998), em 2012, no artigo denominado *Introdução ao teatro espontâneo*, o autor caracteriza este como uma modalidade muito especial de teatro por “não ter um texto prévio; as representações são improvisadas ao mesmo tempo que se cria o texto; ser construído com intensa participação do público” (Aguiar, 2012, p. 125).

Dessa forma, o autor segue esclarecendo que “dependendo da finalidade para a qual se faz teatro espontâneo, ele pode receber novos nomes e, naturalmente, alguns ajustes técnicos de adequação” e cita alguns exemplos como o psicodrama, o sociodrama, o axiodrama e o *role-playing* (Aguiar, 2012, p. 126). Aguiar (2012) enfatiza que não existe só uma maneira de fazer teatro espontâneo, citando formatos conhecidos como: teatro de plateia, teatro-debate, *playback theater*, teatro de multiplicação e dramaterapia (Aguiar, 2012, p. 127). Concluindo em seu texto que o teatro espontâneo “é um enorme guarda-chuva sob o qual se abrigam muito dispositivos cênicos” (Aguiar, 2012, p. 127). É sob esse vértice que o teatro espontâneo é apresentado aqui.

Praticar o teatro espontâneo é interagir de forma improvisada, a partir de um tema previamente estabelecido ou construído no aqui e agora com o grupo. É por meio dele que surgem transformações individuais e coletivas a partir do contato com o novo, na medida em que o sujeito se sente pertencente ao grupo e atua ativamente, implicado a ação desenvolvida.

Entre esses dispositivos cênicos, um em especial, tem sido amplamente difundido pela Companhia do Teatro Espontâneo, fundada por Aguiar, conjuntamente com outros profissionais: o Teatro-Debate. Outras companhias de teatro espontâneo na América Latina também realizam o Teatro-Debate em suas ações; no entanto, nota-se algumas diferenças e outras semelhanças na aplicação do método. A discussão sobre isso caberia outro texto para discorrer sobre a diversidade de técnicas e da aplicação do método que por vezes se distancia da teoria original.

Aguiar trazia três características que cumpriam a missão do teatro espontâneo. Primeiro, ele sempre enfatizava a importância do teatro espontâneo como uma forma de arte e preferia aproximá-lo mais da arte que da psicologia, afirmando que “a própria arte em si é transformadora, como forma de conhecimento e como experiência de vida” (Aguiar, 2011, p. 7). Depois tratava de diferenciar o teatro espontâneo de outras formas de teatro, trazendo a importância da produção coletiva, por envolver a participação de inúmeros atores, que “precisam estar sintonizados, abertos, sensíveis e dispostos, entregues” (Aguiar, 2011, p. 7).

E, por fim, trazia a vocação libertária do teatro espontâneo, considerando o sentido político da proposta; o teatro espontâneo deve considerar a realidade e jamais pregar uma ideologia. Ele acreditava que deveriam ser criadas as condições necessárias, para que as pessoas pudessem se expressar com liberdade, encontrando a si mesmas e também construindo os próprios caminhos. E que os teatros espontâneos devem sintonizar com o espírito libertário, para que possam experimentar a própria liberdade e, assim, criar oportunidades aos demais de pensar, sentir, expressar e criar.

TEATRO-DEBATE

Do conceito de teatro espontâneo, Aguiar dedicou-se com entusiasmo a investir na modalidade do Teatro-Debate, com a proposta de ser um teatro de participação a partir de um

debate sobre temas elegidos pelo público participante ou pela equipe de trabalho (diretor e atores espontâneos), conhecida como trupe, como temas sociais, políticos etc. O debate inicia-se de forma verbal e de acordo com algumas etapas e técnicas e torna-se cênico quando feito por todos os participantes da plateia, e não apenas pela trupe. Segundo Barreto, Borim, Freitas, Paula, Medeiros e Tavares (2017), o Teatro-Debate promove “um espaço de fluidez, de espontaneidade, partindo das experiências comuns das pessoas envolvidas a reflexão sobre temas de interesse da comunidade” (p. 24).

A estrutura-base do Teatro-Debate considera a presença de uma equipe consistente em um diretor e atores espontâneos, respeitando as variações quantitativas a depender do público. Cabe ao diretor conduzir o trabalho atento à produção do grupo, buscando emergir discursos e sentimentos que ainda não se tornaram linguagem dramática. E quanto aos atores espontâneos, facilitar a expressão do conteúdo debatido, por meio da ação dramática, seja por um personagem, sons, sentimentos e/ou provocações que convidam a plateia a debater cenicamente o que está sendo verbalizado. São quatro etapas propostas no Teatro-Debate: aquecimento, cenas espelho, cenas mistas e cena final.

No aquecimento, o diretor estimula as pessoas a formarem um grupo conectado e comprometido por meio de uma integração que pode ser feita com técnicas corporais, jogos e recursos sonoros etc. Ainda no aquecimento, apresenta-se o tema – ou na ausência dele, busca-se identificar um tema a ser debatido com o coletivo – que deve gerar nos participantes alguma identidade, suscitando dúvidas e reflexões que valem ser debatidas em grupo. Em seguida, apresenta-se de forma breve o Teatro-Debate para que sejam informados acerca do método e sejam feitos combinados necessários entre a equipe e a plateia.

A segunda etapa é a das cenas-espelho. Quando o grupo é convidado a expressar as próprias opiniões, percebendo suas falas e seus sentimentos com maior expressividade. Nessa etapa, os atores da equipe espelham os sentimentos captados a partir do público participante, por meio de curtas cenas espontâneas que são realizadas durante o debate verbal. Cenas estas que acrescentam e trazem a dimensão artística ao debate.

Após essa etapa, o diretor pode convidar a plateia para atuar ou talvez o interesse em participar diretamente das cenas pode surgir espontaneamente da própria plateia juntamente com a equipe de atores espontâneos. Ocorrem, portanto, cenas consideradas mistas, com atores espontâneos da plateia e atores espontâneos da trupe.

Por fim, quando o grupo está bem aquecido, o debate cênico é estimulado, a equipe de atores espontâneos, nesse momento, deixa o palco e a plateia protagoniza o debate cenicamente. Esta é a última fase do Teatro-Debate, na qual a plateia assume o palco e o diretor segue estimulando a produção da história, buscando auxiliar na expansão de perspectivas do grupo, bem como a sua e a dos atores espontâneos. Cabe à plateia, no papel de atores espontâneos, escolher o final da produção do debate, no qual “as opiniões são expressas não de forma verbal, direta, mas de forma indireta, analógica” (Aguiar & Borim, 2016, p. 94).

Vale ressaltar que há grupos com participantes mais ativos, que logo no aquecimento exigem avançar para a terceira etapa, com cenas mistas. Além disso, no Teatro-Debate não é necessário fazer um compartilhamento final, com relatos pessoais sobre a experiência ou as ressonâncias sobre o trabalho. A ideia é que as pessoas sigam reverberando com seus sentimentos, suas opiniões, conectando aquilo que já existia nelas com o que foi colocado/encenado em grupo e permitindo que a troca possa repercutir em suas vidas. No entanto, o diretor deve estar atento à qualidade da produção para que saiba como e quando propor um compartilhamento final. Assim, com a premissa de que o Teatro-Debate é uma obra aberta, entende-se que:

Em tese, essa trama não teria fim, nunca, pois pode ser sempre ampliada rizomaticamente, trazendo cada vez um aspecto novo e inusitado que expressa opiniões, sentimentos e reflexões do público participante. No entanto, há de se interromper a produção, em algum momento, e dar-lhe uma finalização, mas sem . . . caráter moralista. (Aguiar & Borim, 2016, p. 94)

RELATO DE EXPERIÊNCIA: O TEATRO-DEBATE NA ÁREA DE EDUCAÇÃO

A Companhia de Teatro Espontâneo,¹ fundada por Aguiar e outros psicólogos e psicodramatistas no final da década de 1980, tem realizado diversos teatros espontâneos, com ênfase no Teatro-Debate, no Brasil e pontualmente em alguns outros países da América Latina e da Europa. Na trupe, não há um único diretor e atores exclusivos, alterna-se democraticamente a direção e a atuação espontânea entre a trupe. Os temas-pano de fundo são sempre políticos e de impacto social, buscando desde o título da proposta instigar o participante a refletir e se posicionar sobre o tema, aquecendo-o para o debate.

Dessa forma, a convite das organizadoras do livro *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Estudos em virtude dos 20 anos da Lei nº 9.394/1996*, a Companhia do Teatro Espontâneo desenvolveu um artigo sobre espontaneidade na educação e, em seguida, recebeu o convite para realizar um Teatro-Debate no lançamento do livro, cujo tema foi “Educação: Pra quê? Pra quem?”.

O evento foi realizado na Escola Municipal de Ensino Fundamental Desembargador Amorim Lima, no bairro do Butantã, em São Paulo, em junho de 2017, e contou com a presença de cerca de 40 pessoas, entre elas: educadores, colaboradores da rede de ensino, estudantes e pesquisadores. Com faixa etária diversificada, de crianças a idosos, a atividade teve uma hora e meia de duração e passou por todas as etapas descritas anteriormente.

O aquecimento consistiu em um alongamento corporal, cumprimentos entre a plateia e uma dança de ritual indígena, conhecida como toré, a qual foi sugerida por um educador convidado para o evento. Na sequência, foi apresentada a proposta do Teatro-Debate seguida de um aquecimento verbal sobre o tema, e a plateia deu início à discussão verbal.

Foram expostas falas sobre a educação ser para todos, sobre o acesso à escola ser dificultoso por questões de preconceitos raciais, classe econômica e política. Também foi levantada a discussão sobre o espaço físico fechado de muitas escolas, lembrando a arquitetura de instituições de reclusão (cadeias, hospitais) e sobre projetos educacionais inovadores *versus* modelo tradicional de educação.

Após as expressões verbais da plateia, a equipe de atores deu início a cenas-espelho, causando impactos na plateia e suscitando no público o desejo de interagir com os atores.

Assim, emergiram cenas mistas. Na primeira, foi replicado um relato de uma professora que deu aula na calçada da escola e as possíveis repercussões disso com a gestão escolar. Depois, a cena de um estudante que queria dançar balé e outro *hip hop*, mas a professora não autorizava porque tinha outro objetivo e precisava seguir o cronograma imposto pela prefeitura.

Desse modo, as cenas seguiram para conflitos entre educadores e estudantes no espaço da educação infantil, sobre o educador ter ou não autonomia no processo de ensino, onde a criança queria brincar, e não estudar “daquele jeito” que o professor impunha. O professor

¹ A Companhia do Teatro Espontâneo passou por diferentes formações ao longo dos anos e por períodos de não atuação. A mais recente foi formada em 2014 e os integrantes na atualidade são: Andreia da Silva Freitas, Angelo Medeiros Borim, Máira Lima de Medeiros e Viviane Nunes Barreto.
Revista Brasileira de Psicodrama, v. 25, n. 2, 86-92, 2017

sentia-se na obrigação de cumprir a tarefa, e a criança queria experimentar. Os atores da trupe buscavam estar fora do palco, e a plateia seguia com o debate cênico.

Disso resultou a cena final, na qual se fez um círculo, em que alguns participantes de mãos dadas cantavam músicas da infância, girando como as crianças brincam no recreio, e também gritavam exigindo arte na escola. Havia uma plateia sentada e alguns integrantes da roda convocaram as pessoas a fazer parte, impondo seu desejo sem questionar o do outro. Até que uma participante da roda pontuou a atitude impositiva que havia sido feita, e a cena foi encerrada.

Por fim, a diretora optou por um breve compartilhar somente com palavras sobre o que sentiam no momento. Foram mencionadas pelo grupo: *liberdade, comprometimento, respeito, esperança, disponibilidade, coragem, força da cultura, poder, força do coletivo, persistência*, no qual as pessoas pareciam reflexivas com o tema.

CONCLUSÕES (QUE NÃO SE ENCERRAM AQUI)

O Teatro-Debate pode ser utilizado em quaisquer situações de grupo que se deseja transformar, por meio de uma ação coletiva, percepções e ideias sobre a compreensão da realidade. Como obra aberta, o debate não se esgota na sessão, segue reverberando em forma de um leque de sentidos e *insights*, produzindo novas ideias sobre o espaço que se ocupa e as relações que se acessa.

Compartilhou-se uma sessão de Teatro-Debate, tendo o tema educação como uma evidência da produção coletiva, reunindo saberes e inquietudes de um público. Somada a esta, outras sessões foram realizadas nos últimos anos na cidade de São Paulo com temas variados, o que demonstra o grande campo de atuação que essa metodologia já alcançou e o que ainda pode ser alcançado.

A Companhia do Teatro Espontâneo é um dos coletivos que difunde o Teatro-Debate e pretende seguir ampliando o método para que se possibilite acessar a espontaneidade de interessados e curiosos nessa modalidade. Contribuindo ainda para que a humanidade siga a vida em criação, afetando-se com o diferente e transformando-se em algo que ainda não é conhecido. Afinal, *navegar é preciso e viver não é preciso*.

REFERÊNCIAS

- Aguiar, M. (1998). *Teatro espontâneo e psicodrama*. São Paulo: Ágora.
- Aguiar, M. (2011). El futuro del teatro espontáneo. *Campo Grupal*, XIII(130), 7. Retirado de <http://pt.calameo.com/read/0000491296289ce274d88>
- Aguiar, M. (2012). Introdução ao teatro espontâneo. In M. P. Nery, & M. I. G. Conceição, (Orgs.), *Intervenções grupais: o psicodrama e seus métodos*. São Paulo: Ágora.
- Aguiar, M., & Borim A. M. (2016). A proposta do teatro-debate. In M. P. F. Wechsler, R. F. Monteiro. *Psicodrama público na contemporaneidade: cenários brasileiros e mundiais*. São Paulo: Ágora.

Barreto, V. N., Borim, A. M., Freitas, A. S., Paula, H., Medeiros, M. L., & Tavares, C. T. (2017). Espontaneidade: um olhar sobre o ambiente educacional. In A. S. Freitas, E. Z. Jesus, & I. C. Rodrigues. (Orgs.), *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Estudos em virtude dos 20 anos da Lei nº 9.394/1996*. São Paulo: LTr.

Freitas, A. S., Jesus, E. Z., & Rodrigues, I. C. (Orgs.). (2017). *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Estudos em virtude dos 20 anos da Lei nº 9.394/1996*. São Paulo: LTr.

Recebido: 10/11/2017

Aceito: 10/12/2017

Andreia da Silva Freitas. Psicóloga pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Psicodramatista em formação pelo Instituto Sedes Sapientiae/SP. Integrante da Companhia do Teatro Espontâneo.

Máira Lima de Medeiros. Psicóloga formada pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Psicodramatista pelo Instituto Sedes Sapientiae/SP. Integrante da Companhia do Teatro Espontâneo.

Viviane Nunes Barreto. Psicóloga pela Universidade Católica de Pelotas (UCPel). Especialização em Teorias e Técnicas em Cuidados Integrativos pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Integrante da Companhia do Teatro Espontâneo.